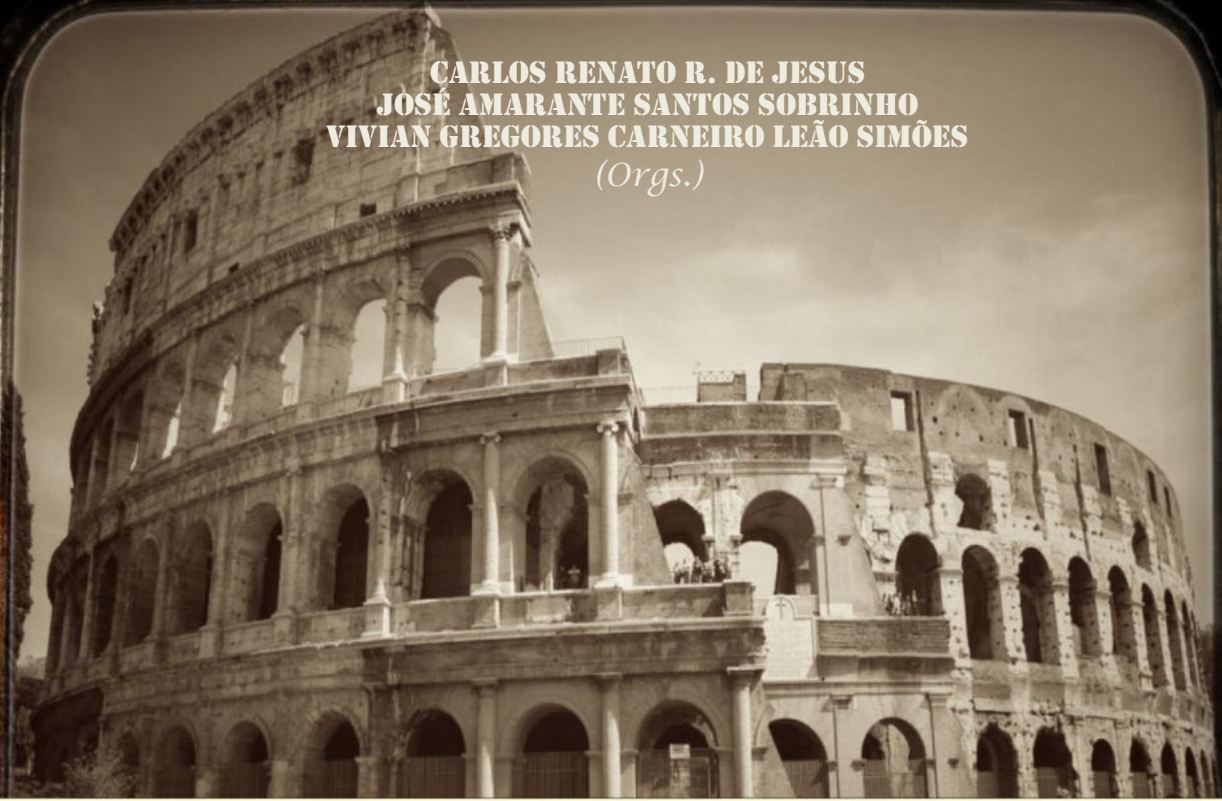


CARLOS RENATO R. DE JESUS
JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO
VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES
(Orgs.)



ANAIS
I SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DO AMAZONAS:
“Cultura Clássica e Gramática Ocidental”
VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LATIM



UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Anfiteatro Flávio (Coliseu) - Roma/Itália
Teatro Amazonas - Manaus/Brasil

I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: “Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim
(1.: 2017: Manaus, AM)

Anais da I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim/ I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim, Manaus, 2016 (Brasil) – Documento eletrônico. – Manaus: Escola Normal Superior/UEA, 2016 – Modo de acesso:

ISBN: 978-85-7883-374-9

1. Estudos Clássicos. 2. Estudos Clássicos – Cultura e Gramática Ocidental. 3. Estudos Clássicos – Ensino. I. Título.

Sermão *De Excidio Urbis* e Sermão 81: o castigo divino ao povo da Roma antiga

Eduardo Esteves de Macedo
(CESP-UEA)

esteves.eduardo.m@gmail.com>

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (CESP-UEA)

RESUMO: Este artigo faz uma análise do sermão *De Excidio Urbis* e Sermão 81 de Santo Agostinho sobre o declínio da cidade de Roma após o ano 400 d. C., além de uma análise das relações existentes entre o império romano e suas práticas em contraposições as doutrinas cristãs representada pelo bispo para explicar o declínio da cidade. O trabalho também enfatiza a perspectiva dos fatos históricos e o ponto de vista e interpretação de Santo Agostinho em seus sermões. O trabalho ressalta também uma relação histórica da queda de Roma com o alvorecer da Idade Média e a formação da Europa.

PALAVRAS-CHAVE: análise; agostinho; declínio; roma; europa.

INTRODUÇÃO

A decadência de Roma iniciou em meado dos anos 400 depois de Cristo e através da Bíblia Cristã, era enunciado o fim do mundo no livro de Daniel. Na verdade, para a perspectiva de Santo Agostinho, o fim do mundo não se tratava de uma devastação, mas de uma punição pelos atos conseguintes na Roma antiga (AGOSTINHO, 2010 p. 55-56, s. 7.8.). Desta forma não se caracteriza fim do mundo e sim uma transição ou renovação daquilo que ficou em ruínas através de uma simbologia cristã.

A principal orientação de Santo Agostinho dizia-se a respeito da forma de comportamento social humano conforme as medidas de Deus (AGOSTINHO, 2010, p. 50, s. 5.5.) e a forma de evitar escândalos, isto é, o mal comportamento e atentado contra Deus. Além disso, Agostinho faz referências críticas à fundação da cidade de Rômulo com deuses caídos derrotados em Tróia e trazidos por Enéias para a fundação da cidade o que mais tarde, segundo Urbano (2010, p. 16), fez com que Roma se desprendesse da vida cívica de rituais antigos e abraçasse a ideologia cristã se deparando então com uma nova aliança ideológica e política.

Para elucidar estas questões, Santo Agostinho usava-se de três personagens bíblicos e suas narrativas: Noé, Job e Daniel a fim de contextualizar o sofrimento do povo de Roma com o sofrimento dos personagens e assim lhes indicar o caminho da redenção, bem como livrar os

cristão da culpa pela queda da cidade (BARROS, p.17), uma vez que foi durante a proliferação do cristianismo que o império e a cidade tiveram seu fim.

A PERSPECTIVA DE SANTO AGOSTINHO SOBRE A QUEDA DE ROMA

Partimos da ideia de que Roma naquela época se tratava ainda como centro do império romano e por isso recebia imigrantes de muitas culturas, como os Godos e outros povos chamados de bárbaros vindos da África. Roma foi transformada, mais tarde, em palco de embates intelectuais e políticos que historicamente levaram-na ao caos e a sua desfragmentação (BARROS, 2012, p. 16) e Santo Agostinho em sua época era um expectador do declínio de Roma e seu império em decadência. Para

A cidade apresentava uma gama elevada de povos oriundos de outras áreas geográficas, culturais e ideológicas o que era considerado um perigo (URBANO, 2010, p. 16-17). Em 418, Estilício, tutor do imperador Honório e de origem bárbara, foi executado por traição, o que causou instabilidade na cidade e permitiu o seu saque, humilhação e incêndio (URBANO, 2008, p. 216). Desta forma entende-se que numa perspectiva histórica Roma possuía dois inimigos determinantes de sua queda: a crise da situação política e a miscigenação de povos.

Para Santo Agostinho (2010, p. 52-53, s. 6.6.), estas ocorrências na cidade não representavam algo como sua destruição, mas sim sua punição. Para isso, é importante frisar o jogo de palavras *destruir* e *poupar* utilizada por ele para esclarecer os fatos, esse jogo de palavras expunha oposições que mostravam aspectos severos de Deus em contrapartida a sua misericórdia e amor à sua criação (SANTO, 2005, p. 255). Roma, segundo Agostinho, é os seus cidadãos e não a cidade, já que a grandiosidade da cidade não se mede pela extensão de seus muros, mas pelo tamanho da sua população (AGOSTINHO, 2010, p. 53, s. 6.6.). Portanto, Deus poupou Roma da destruição porque por amor deu a chance da sobrevivência para seu povo, a fim de excitar o clamor e deixar as idolatrias aos deuses pagãos e suas práticas. Nesta perspectiva, Roma não corresponde a um espaço físico e sim um espaço social político. Esta implicância estende-se do *De Excidio Urbis* até ao Sermão 81, onde ele livra o povo cristão das acusações pagãs da queda de Roma e incita o clamor a Deus:

Ora, dizem por aí que foi nesses tempos cristãos que Roma caiu. Mas talvez Roma não tenha caído. Talvez tenha sido castigada em vez de aniquilada, talvez emendada em vez de destruída. Talvez Roma não morra se os romanos não morrerem. E na verdade não morrerão se louvarem a Deus. (AGOSTINHO, 2010, p. 79, s. 81.9)

Neste âmbito, Santo Agostinho distingue o que era Roma: construções físicas ou cidadãos e seus comportamentos. Se os cidadãos de Roma não tiverem um fim, necessariamente Roma não acabará. Agostinho, nesta passagem, enfatiza a ideia de que o clamor a Deus livra o povo romano da culpa. Além disso, a adoração às coisas terrestres feitas por Deus representa blasfêmia contra a divindade cristã, ocasionando assim o escândalo e, por conseguinte, seu castigo (AGOSTINHO, 2010, p. 76-77, s. 81.7.). Vale frisar que no Sermão 81, Santo Agostinho (p. 76, s. 81.7) releva o escândalo também sendo como amor às coisas terrenas, tratando-se, portanto, de um valor além do religioso, mas também ético (SANTO, 2005, p. 261). Sendo assim, deve-se observar que o povo romano deveria ter cuidados com as coisas que amassem na terra para que não se prendessem ao mundo “Babilônico” e assim, libertando-se dos valores mundanos, apropriando-se do Amor divino e alcançando a redenção (SANTO, 2005, p. 259-260).

O sermão *De Excidio Vrbs* representa mais uma profunda reflexão dos atos humanos de Agostinho para com os cristãos de Roma do que o conflito com os pagãos (URBANO, 2008, p. 218). Essas reflexões estendiam-se ao apego em demasia a “espécie de materialismo ético, que procura a felicidade na fruição de bens materiais” (SANTO, 2005, p. 263). Ou seja, uma questão evidente de um desequilíbrio de valores humanos na época. Estes valores remetiam ao que Santo Agostinho denominava a “essência do homem”. O bispo acreditava que a natureza humana só se revelara em profundo sofrimento, portanto, aquele que em sofrimento se revelava piedoso ou se corrigia alcançava a redenção e aqueles que eram ímpios, por sua vez, mereciam a condenação (AGOSTINHO, 2010, s. 9.9). O sofrimento, portanto, era uma forma de expor a essência humana. Esta colocação é visível quando Santo Agostinho contextualiza o sofrimento do povo de Roma com o sofrimento de Job. Nesta ocasião, é dito numa linguagem metafórica que todo membro que tem poder de persuasão para o mal é motivo de escândalo. Na narrativa bíblica, Job é excitado em meio às tripulações por sua mulher a blasfemar contra Deus. Agostinho determina que isso seja o que se passa com Roma na comparação do sermão 81.2 e 81.44 com o *De Excidio Vrbs isermão* 03 e 4.4.

As “medidas de Deus” ou o grau de comportamento humano enfatizadas por Santo Agostinho também se estendem não só aos escândalos como também à mentira, humildade e o comportamento do homem justo. Para que isso seja bastante evidente, o bispo propõe outra série de comparações de eventos, como no caso do *De Excidio Vrbs*, onde Roma e Sodoma têm elevações significativas para ele. Neste caso, Roma e Sodoma eram contrastes que remetiam novamente a ideia das medidas divinas buscadas por Deus nas respectivas cidades: “Ele (Deus) procura os justos segundo a lei divina e não segundo a lei humana” (Agostinho, *De*

Excidio Urbis, s. 2.2). Santo Agostinho orienta ao homem, como sendo filho de Deus, também o comportamento de um justo (s. 81, 6). Para chegar a isto novamente ele faz uma comparação, desta vez, entre Adão e Jesus para que o leitor possa distinguir qual era o justo (filho de Deus) e qual era o mentiroso (filho do homem).

Santo Agostinho em seus sermões esclarece que Deus é bom e justo e sempre ajudará aos homens, para isso, oferece-lhes bens. De forma implícita o bispo postula os bens materiais em contraposição aos bens espirituais. Com o desequilíbrio de valores em Roma e com as tensões políticas, ideológicas e culturais, a prova entre bens materiais e espirituais é posta em prática por intermédio divino. Podemos perceber isso ainda na narrativa de Job, a qual perdeu todos os bens materiais, isto é, sua instabilidade, riquezas, filhos, costume, mas que manteve aquilo que o mundo não poderia lhe tirar: a paz espiritual. Podemos observar que para Santo Agostinho, Roma carecia de fonte espiritual, estava em atribulações e somente Deus poderia purificá-la através do fogo e rebaixamento. Além do mais, a cidade estava em conflitos divididos entre aqueles terrenos e celestes, remetidos também a grande aglomeração de povos.

No âmbito das relações existentes, a fim de apaziguar os povos, Santo Agostinho lança mão de três narrativas bíblicas sucintas para elucidar ao povo que o castigo era consequência de seus atos, isto é, os seus pecados. As representações das figuras bíblicas eram uma contextualização elaborada por Agostinho no qual o povo pagão representava as difamações, escândalos e as adorações terrenas à cidade e seus objetos contra Deus; e o povo bíblico, isto é, os personagens e os cristãos, representavam o povo da Roma celestial. Vale ressaltar novamente que o sermão *De Excidio Urbis* e o Sermão 81 apresentam a oposição de palavras com sentidos diferentes. Essas palavras binômias são castigo/destruição, interior/exterior, passageiro/eterno etc. O jogo de palavras opostas é usado em demasia no Sermão 81 que exemplifica a narrativa de temor e fé, além dos escândalos:

“Qual então a diferença entre sofrimento e escândalo? No sofrimento dispõe-se a conservar a paciência, a perseverar na Constancia, a não abandonar a fé e a não consentir o pecado. Se guardares este proceder, ou se o tiveres guardado, o sofrimento não será para ti causa de ruína (...)” (AGOSTINHO, 2010, p. 65-66, sermão 81.2.).

Como se pode ver, a representação de *virtude* é dada através da palavra paciência e, conseqüentemente, a ruína é efeito de escândalo – a falta de virtude/paciência, caracterizando a evidencia de contraposição de idéias e palavras. Além dessa questão, está implicitamente postado nos dois sermões característica do amor divino sobre o amor terreno. Tal ocasião é posta como oposições sofridas pelo povo romano que os remetiam a Roma celestial e a Roma

dos homens (Santo, 2005, p. 260). Ainda sobre a espécie de amor sobre o materialismo humano, Santos (2005, p. 263) explica que essa ocorrência “caba por descer de suas condições como seres espirituais e livres, tornando-se escravos de seres que lhes são inferiores”. Isto também é visível no Sermão 81.7, já que Santo Agostinho explica que amar o mundo é renegar o amor de Deus.

No Sermão 81.8, Santo Agostinho reforça a ideia de que o mundo, de antemão, já foi destinado a ser destruído então para a lógica do Santo, não há porque amar algo condenado a destruição. Resta, portanto, a orientação ao povo romano de que se mantenham vigilantes e a recomendação aos pagãos que o fim de Roma, e conseqüentemente o fim do mundo não é culpa do cristianismo.

O sermão *De Excidio Urbis* releva a comparação do povo de Roma com as narrativas bíblicas como forme de conduta humana que correspondiam às medidas divinas, desta forma, é possível dizer que Santo Agostinho apodera-se do discurso bíblico para persuadir o povo romano de que suas condutas teriam que ser próxima às condutas das personagens da Bíblia. A evidência disto revela-se quando Agostinho esclarece que Noé, Daniel e Job eram exemplos de varões de boa conduta (AGOSTINHO, 2010, p. 40-41, s. 1.1) que deveriam tomar os homens daquele espaço.

O *De Excidio Urbis Romae* e o Sermão 81 revelavam que a cidade de Roma não se tratava de uma cidade *invicta* e que tampouco era uma cidade protegida pelos deuses de Enéias, pois sofrera assolações que percorreram todos os seus pólos. No ponto de vista de Santo Agostinho, Roma como cidade fundada com apoio de deuses pagãos, também estava predestinada ao mesmo fim que Tróia teve:

“Os deuses em que os Romanos puseram sua esperança, precisamente os deuses romanos, em que os Romanos puseram sua esperança, vieram de Tróia que consumia em chamas, para fundar Roma. Os deuses romanos foram primeiro deuses troianos. Ardeu Tróia e Enéias levou consigo os deuses fugitivos” (Agostinho, s. 81.9).

Os romanos, segundo o bispo, depositaram esperança em deuses derrotados, logo Roma não se sustentaria e havia de cair. A esta altura, o próprio império romano já concentrava seu maior poderio acerca de Constantinopla, tornando Roma uma cidade que já não possuía grandes prestígios (URBANO, 2013, p. 229), sendo, portanto, passiva a fortes desventuras na parte

ocidental do império. O episcopal Santo Agostinho considerou estas ocorrências como indícios de um Apocalipse, não alegórico como narra a Bíblia, mas puramente transformacional.

A posição de Santo Agostinho em formular uma de pensamento sobre a queda de Roma era singular se comparado a outros pensadores, pois Santo Agostinho buscava uma justificativa da queda da cidade e procurava livrar o povo cristão das acusações do declínio. O povo pagão acusava os cristãos de terem feito Roma cair devido à adoração a Deus através do cristianismo (BARROS, 2012, p. 17). Neste caso, para Agostinho, Roma teve fim não por causa do cristianismo, mas porque além de ser uma cidade de pecados, injustiça e demais condutas, adorava os deuses troianos derrotados e isso era insulto a Deus.

Santo Agostinho ainda deixa claro que mesmo que Roma se “convertesse” e se tornasse cristã e difusora do Evangelho, esta ainda assim teria um fim inevitável por se tratar de uma obra humana (URBANO, 2015, p. 18-19), sendo assim:

“Ora, se até o mundo que Deus criou há-de ter um fim! Mas nem mesmo o que o homem fez caiu, senão quando Deus quis, nem o que Deus criou acabou, senão quando Deus quis. Se a obra humana não cai senão por vontade de Deus, quando poderá cair a obra de Deus por vontade do homem?” (AGOSTINHO, 2010, p. 79, s. 81.9).

Portanto, não seria uma consequência do cristianismo a queda de Roma, e sua eternidade nem seria consequência de deuses criados e adorados por homens. Até porque, em um grau comparativo, Santo Agostinho elucida a cidade de Constantinopla, onde a cidade se converteu pelo temor e por isso não foi destruída e o império do oriente não foi abalado, não sendo, portanto, um querer dos homens, mas sim de Deus.

O povo de Constantinopla obedeceu ao evangelho a fim de evitar a ira de Deus e, portanto, obtendo o livramento não só presente como o livramento futuro (AGOSTINHO, 2010, p. 54-55, s. 7.). Divergente de Constantinopla, o povo romano recusou os ensinamentos e por isso necessitavam de uma repreensão. Seu povo foi salvo porque uns fugiram, outros se abrigaram em igrejas, entretanto a cidade ficou em ruína, mais uma vez remetendo à falsa atribuição de *invicta*.

Para mostrar que Deus é justo, severo e piedoso, Santo Agostinho recorre ao grau comparativo às narrativas da Bíblia com os personagens Job, Noé e Daniel. Os três personagens tinham algo em comum com o povo romano: as tribulações e tormentos e necessitavam de paciência para não ceder aos insultos contra Deus evitando sucumbir à punição perpetuada e

assim provar que o amor a Deus permite a não carência de uma felicidade eterna (SANTO, 2005, p. 264).

A construção do *De Excidio Urbis* e do Sermão 81, tratando-se de metáforas ou alusões da bíblia cristã, revela um caráter hermético de Santo Agostinho com seus remetentes. Para oliveira (2013, p. 242), esse caráter era transfigurado através de simbologia, retórico e outros campos da linguagem. Além disso, ainda segundo Oliveira, a construção do *De Excidio Urbis* seria moldada por uma intercessão ou clamor que serviria de atrativo para as reflexões cristãs através do discurso.

Podemos observar na intercessão de Santo Agostinho uma relação com a simbologia, por exemplo. O símbolo serve também como uma ramificação alegórica, isto entra em evidência quando Santo Agostinho faz as comparações do povo Romano com as personagens bíblicas. O próprio Agostinho esclarece esse ponto de vista quando diz no sermão 81 (s. 81.4) que a palavra *escândalo* assume o papel de ofensa e maldade e que os membros do corpo, isto é, partes que o compõem podem ser utilizadas como intermédio de escândalo.

O escândalo na comparação de Job é representado por sua mulher como um membro de Job a qual ele ama (Agostinho, s. 81.4), mas sabe que a mulher está errada ao perceber que se ela importa apenas com aspectos materiais, tornando-a assim uma fonte de escândalo. No grau comparativo de Noé no *De Excidio Urbis*, Santo Agostinho usa o personagem como exemplo de varão e medida de Deus. E Daniel é exposto como humilde que confessa seus pecados. Sendo, portanto, os três personagens como representantes da medida de Deus.

A QUEDA DE ROMA E O ALVORECER DE UMA NOVA ERA POLÍTICA, IDEOLÓGICA E SOCIAL

O declínio de Roma em meado dos anos 400 d. C., abriu espaço para novas ocorrências no império romano. Para Barros (2012) Roma sucumbiu a uma era transformacional intitulada pela História como Idade Média que já possuía novas estruturas em decorrência daquelas usadas pelo império. A relação histórica entre o cristianismo, Idade Média e rupturas culturais estão entrelaçadas de forma dependente de modo a englobar todos os aspectos sociais envolvidos naquele contexto.

Iniciamos a partir da ruptura do império romano fragmentado em duas partes: império do ocidente de Roma e império do oriente de Constantinopla. De acordo com Dias (2013, p. 315) a queda do ocidente sediado em Roma ocasionou o estabelecimento de uma nova

estabilidade social intitulada “nações européias” que já embarcavam uma gama elevada de culturas fundidas. Neste âmbito, mais tarde, a igreja passou a ser a governanta no ocidente.

Santo Agostinho enfatiza no sermão 81 que “Talvez Roma não morra, se os Romanos não morrerem. (...) Pois o que é Roma, senão os Romanos?”. Essa ocasião é também reveladora de uma transcendência. Além disso, a própria alusão de pensamentos filosóficos e políticos de Santo Agostinho já nos remetiam a uma drástica mudança no quadro romano. Segundo Urbano (2012, p. 231) o bispo ainda presenciou o declínio total da cidade e suas ramificações. Todas estas ocorrências foram entendidas como um “apocalipse cristão” o que na verdade correspondia a transformação territorial e política. Este pensamento, de acordo com Dias (2013, p. 320-321), evoca Roma novamente como reerguida, transformada em uma cidade que sediaria um novo império na Europa, unificado por razões ideológicas.

Para se chegar a esse quadro descrito, Roma necessitou de profundas rupturas, o que na interpretação de Santo Agostinho é um “apocalipse” (Urbano, 2013, p. 231), haja visto que a cidade foi incendiada, massacrada e houveram muitos mortos. Historicamente Roma declinou no tempo de sementeira e expansão e fixação da ideologia cristã, talvez por isso a extrema necessidade de uma rápida resposta para o que estava acontecendo. Diferente de outras perspectivas e interpretações sobre a queda da cidade, Santo Agostinho tinha uma mais particular, voltada às escrituras proféticas bíblicas e ao apelo emocional, porém a história revela que a Antiguidade e a Idade Média tardia no ocidente exigiam drásticas mudanças para a formação do Ocidente Moderno (Barros, 2012, p. 9).

O novo Reino Europeu cristão em contraposição ao Império Bizantino pode ser visto como o antigo Império Romano fragmentado, configurando-se pela nova realidade civilizacional que firmou o período medieval. Essa nova imagem era concebida porque, de acordo com Dias (2013, p. 318), Roma serviu como a gênese de todos os fatos ocorridos, sendo assim, remetida a construção da Idade Média e da Europa por meio do declínio daquela que era uma das principais cidades-capital do império.

O declínio da cidade de Roma e respectivamente do Império do Ocidente, de acordo com Barros (2012, p. 10 *apud* Piganiol 1972, p. 466), não ocorreu como uma queda natural com crises de ideologias, militarismo e culturas mesmo que essas características criassem tensões dentro do quadro romano, mas com o avanço de povos bárbaros sobre a cidade que ocasionou seu “assassinato”.

A expansão do Império Romano estendeu-se por quase toda a atual Europa, e vinculado a crises políticas e ao domínio de várias capitais, o império fragmentou-se causando sua instabilidade. A primeira cidade a cair foi justamente Roma que estava situada na parte mais

vulnerável a invasões. Com a perda parcial do ocidente, o império do oriente reagiu criando a Província da Itália que era pertencente ao imperador de Constantinopla a fim de restaurar a ordem entre os romanos (Dias, 2013, p. 324). Historicamente a Província da Itália suportou a turbulência histórica levando o legado Romano à emergente Europa atual.

A instauração da Igreja Católica na Itália unificada com o império romano possibilitou a instituição religiosa o domínio sobre o Ocidente através da deposição do imperador Rômulo Augusto em 476 d. C., criado assim as primeiras conjecturas sobre a formação de vários reinos europeus (Barros, 2012, p. 75), assim elevando o império romano a outro patamar.

O império romano, apesar de ter sido bastante abalado, ainda se reergueu com apoio da Igreja. Um plano de conjuntura que podemos ressaltar sobre isso é que a ideia de “império” remete diretamente ao domínio sobre uma ou mais nações. Neste caso, deixou de existir o plano do império romano para que se formasse o império do papado da Igreja na era medieval. É visível que a Igreja em união com o então decadente império do ocidente pudesse formular novas composições, desta forma dando novas feições ao domínio romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Roma e seu grandioso império sucumbiram às transcendências históricas e a Idade Média (DIAS, p. 321). E sob o olhar de um cristão e representante da igreja, a precariedade das coisas terrenas levou o povo da Roma antiga às consequências das virtudes que cultivavam. Era mais fácil, segundo Agostinho, aceitar o sofrimento e renegar a blasfêmia para assim alcançar a salvação na vida eterna, porém os ensinamentos do cristianismo eram negados, o que na perspectiva do bispo justificava tal ocorrência. Santo Agostinho propôs a série de sermões a fim de explicar os porquês de Roma ter declinado e através desses sermões justificarem o início de uma nova era cristã e imperial: a Europa. E o plano de fundo de tais acontecimentos era aquilo que a História chama de idade medieval.

O *De Excidio Urbis* e o Sermão 81 nada mais são do que uma justificativa ou um conjunto de respostas e reflexões acerca do contexto em que se encontrava Santo Agostinho como expectador da queda de Roma (Urbano, 2013, p. 235) e suas interpretações e seus discursos são carregados de metáforas e simbologias que sustentam sua argumentação e o seu convencimento. Santo Agostinho desempenhou um papel de grande importância para os cristãos, pois seu papel era livrar o cristianismo de quaisquer culpas a serem adotadas contra eles.

A tensão política do império romano e a sua grande expansão impulsionaram a sua fragmentação e a parte mais vulnerável, isto é, a parte ocidental foi a que mais cedo mudou

radicalmente a sua estrutura sendo mais receptiva às mudanças históricas por meio de uma decadência imposturada sobre ela.

Este trabalho concluiu que os sermões de Santo Agostinho e a historicidade de Roma estão intrinsecamente ligados a determinantes que influenciaram povos bárbaros, romanos e cristãos e que acarretaram ainda mais embates no início de uma nova era política, ideológica e social nomeada Europa.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **De Excidio Vrbis e outros Sermões sobre a Queda de Roma**. 1ª Ed., Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013

BARROS, José d'Assunção. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média**. Vozes, Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, Paula Barata. **Espaços e Fronteiras do Mundo Romano na Antiguidade Tardia. Continuidade e Ruptura em Relação à Europa Actual**. Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013.

SANTO, Arnaldo do Espírito. **Imagens do Amor em Santo Agostinho**. Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra. Lisboa, 2005.

URBANO, Carlota Miranda. **A Queda de Roma e o Alvorecer da Europa**. 1ª Ed., Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013.

_____. **O “De Excidio Vrbis” e outros sermões sobre a queda de Roma**. Tradução do latim, introdução e notas: C. M. Urbano. 1ª Ed, Universidade de Coimbra, 2010.

_____. **Santo Agostinho e o *De excidio urbis Romae sermo*1**. Editora Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia-Braga, 2006.